Heitor Ferraz

Heitor Ferraz Mello nasceu em Puteaux, França, 1964. Ainda pequeno Ferraz mudou-se para São José dos Campos, pois seu pai havia sido convidado a lecionar no Instituto Tecnológico da Aeronáutica (ITA), onde passou a infância e, aos onze anos, mudou-se para São Paulo. Jornalista, formado pela PUC-SP, colaborou em diversos jornais e revistas da capital paulista, tendo sido editor de livros. É mestre em literatura pela USP, com dissertação sobre o poeta Francisco Alvim, O Rito das calçadas - a poesia de Francisco Alvim. Foi ganhador da Bolsa Vitae em 2000/2001. Aos 42 anos, o poeta, jornalista e editor Heitor Ferraz decidiu se aventurar por mais uma profissão e aceitar um convite que apresentava um novo desafio: ser professor de Jornalismo Cultural da Faculdade Cásper Líbero.

Heitor Ferraz é um poeta cuja produção recente nos obriga a reavaliar suas obras iniciais. Livros como Resumo do Dia (1996) e A Mesma Noite (1997) tinham como tônica uma sensibilidade para as coisas miúdas do cotidiano, marcada pela leitura de Manuel Bandeira e Dante Milano, pela atmosfera dos quadros de Guignard, com suas "neblinas doídas/ dissolvendo o morro". Os quintais da infância, os sinos da cidade mineira de Prados e a analogia entre a escrita e o "couro do sapo/ atravessado na estrada de terra" apareciam ali ao lado de ambientes urbanos e espaços familiares vazados em tom menor (o café no balcão do bar, as luzes acesas na madrugada), com um erotismo contemplativo e momentos de inquietação que se resolviam em anticlímax:"Amo uma mulher/ e isso é problema meu". Com a publicação de Hoje Como Ontem ao Meio-dia (2002), porém, ficou patente o que havia de desolamento nesse apego a um lirismo esvaziado. Ferraz continuou com um viés irônico — e um poema como "Smoke Poem", que se anuncia como meditação envolta em fumaça de cigarro, culmina em versos de baixo teor existencial: "Aqui, perdoem,/ não há nenhum pensamento". Mas há muito pensamento por trás de suas paisagens inóspitas. O olhar sobre São Paulo (onde ele sempre morou, embora nascido na França) descobre personagens cujo anonimato reverbera no registro intimista, agora vivido como solidão. À noite, do portão de sua casa, ele observa um homem que "fala sozinho/ igual ao meu filho quando brinca"; logo porém cresce o estranhamento, "aquele homem sob a marquise/ permanece inabordável" — e aquilo que parecia familiar se reveste de sombria opacidade.
Do cinzeiro da casa ("arquivo morto das descobertas pessoais") ao prédio do hospital ("silêncio de pedra cortado por sirenes"), todas as formas remetem, em sua mudez, à constatação de que "a distância até a morte é curta". A perplexidade jamais se torna retórica e ele certamente deve a Francisco Alvim (sobre quem escreveu uma dissertação de mestrado e do qual tirou o título do livro) o procedimento de fazer diagnósticos da realidade com pequenos flashes verbais — como no breve "Minha Rua": "Em três quarteirões/ seis salões de beleza/ uma delegacia". Mas sua maior referência é Drummond. Como o poeta de "A Flor e a Náusea" ("Preso à minha classe e a algumas roupas"), ele está "preso dentro do sono" — e por aí podemos olhar retrospectivamente para seus primeiros livros e ver o quanto já havia naquela "matéria míope" (Resumo do Dia) uma "incomunicável morte dos sentidos" (A Mesma Noite).

Livros publicados

* Resumo do dia, São Paulo, Ateliê Editorial, 1996.

* A mesma noite, Rio de Janeiro, Sette Letras, 1997.

* Goethe nos olhos do lagarto, Rio de Janeiro, Viveiros de Castro Editora, 2001. Coleção Moby Dick

* Hoje como ontem ao meio-dia. Rio de Janeiro, Sette Letras, 2002.

* As coisas imediatas, Rio de Janeiro, Sette Letras, 2004.

Outros Resíduos
Heitor Ferraz

Fica um par de brincos
em cima da cômoda.
Fica um elástico solto
como retrato, na gaveta.

Fica a marca da cabeça
deitada no travesseiro
(às vezes um fio de cabelo
para restituí-la em silêncio).

Fica a lua — a meia-lua —
que banal comparei
ao seu sorriso (lembra?).

Fica você que caminha.
Seu corpo indeciso muda
e mudo se desmembra.

A Morte Do Vizinho
Heitor Ferraz

A morte é assim.
Esvaziam sua casa,
levam todos os seus móveis,
o quadro na parede

roubam sua sombra
todo ruído

fica somente
a memória
cativa na janela
se chego em casa.

Paisagem
Heitor Ferraz

Os lençóis criam
ondulações de mar
armam no espaço do quarto
montanhas barrocas.

Toda uma noite consumida
em que o amor surge
por indecifráveis sonhos
sacudindo esta natureza convulsiva.

O difícil é levantar sozinho.

Resumo Do Dia
Heitor Ferraz

Nenhum recado de morte
que sempre abala
tanto a família.
O mundo perplexo parou
e a vida
oblíqua
preferiu continuar traindo
sem matar ninguém.

Memoria
Heitor Ferraz
(de um poema de Dante Milano)

No rosto do morto,
só olheiras.
O soco do destino,
o sono arrastado,
tudo
como última memória.

Poemas de ESSES POETAS – Uma antologia dos Anos 90, org. de Heloisa Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Aeroplano, 1998.

Sono
Heitor Ferraz

Tudo vai revertendo
em sono forte.
Impulso de fuga
para o país vário
da insolência do sol,
da tempestade
temperada em sonho.
O sono vai correndo
ardiloso
todas as formas,
dentes,
olhos por fora.
E o coração para
diluído no copo d'água
ao lado.

De A mesma noite, Rio de Janeiro, Sette Letras, 1997

Estrangeiro
Heitor Ferraz

O café tomado na esquina
- meio de lado
no balcão
a ponto de observar
a manhã que se reproduz
e se mistura
em pernas rápidas

O café pago no caixa
- troco, obrigado, cigarro na boca
de mais uma manhã

mais uma manhã
trocando olhares
medindo gestos
- somos todos estrangeiros
nesta cidade
neste corpo que acorda

de Coisas Imediatas, Sette Letras, 2004.

Luar
Heitor Ferraz

para Armando Freitas Filho

Estava na hora da morte
o mundo constrangido pedia
atirava pedras contra
a parede da memória.
Óculos, xícaras, vasos
dissimulavam o passado cativo.
Muito sensata
a morte repousava
em branca superfície de lua.

A Catedral se impõe (ÀS 17H45)
Heitor Ferraz

O que observo deste 9° andar
de um prédio comercial
em São Paulo, na alameda
Ministro Rocha Azevedo

É o lilás de um fim de tarde
em contraste com o resíduo
dourado do sol se pondo
em algum lugar, atrás dos prédios

É a forma de uma catedral
que se desenha no asfalto úmido
com suas agulhas espichadas
pelos pneus dos carros

O que observo com o corpo
levemente apoiado na janela
é que o dia acaba do lado de fora
contra a continuidade do mercúrio

Nossas microbiografias
Heitor Ferraz

Às vezes acontece
do acaso
inconfortável
abrir uma brecha
na rasteira do presente
e alguma imagem
que estava presa
se libertar.
Do silêncio
escapa um rumor
de risos e vozes
(talvez na ponte
sobre um velho ribeirão)
e braços longos e desajeitados
de uma garota
longa e desajeitada
se acomodam sobre as coxas
e outra garota
esconde a timidez
de uma gargalhada
colocando a mão na boca.

Minha casa
Heitor Ferraz

Minha casa é um refúgio
De noite
quando o sono não chega
vou até o portão para fumar um cigarro
O homem protegido
sob uma pequena marquise de uma garagem
fala sozinho
igual ao meu filho quando brinca
O homem imita conversas
e revolve uma sacola de supermercado
Afasto-me do poema que os olhos espiões
poderiam indicar
Refugio-me entre artigos da casa
Aquele homem sob a marquise
permanece inabordável

Álbum de família
Heitor Ferraz

Então
ele se sentou
num banquinho
ajeitou
o chapéu de feltro
colocou o filho
mais velho
ao seu lado
em pé
e se deixou fotografar
Então
ela se sentou
no murinho
da casa
esticou o vestido
cobrindo os joelhos
sorriu
para a lente
e também
se deixou fotografar

Mais uma vez prados
Heitor Ferraz

São os sinos,
são os sinos de igreja que
no meio da noite
me atormentam.

São as escadas espirais
talhadas em pedra e traição.

É a janela do quarto,
retângulo de madeira,
aberta de madrugada
e um lobo-guará
como guarda-noturno.

São os sinos da igreja
ou o grito desesperado
de uma requinta
anunciando os dias escoados.

O Deus
Heitor Ferraz

Quando a noite é só o barulho
de um galo desregulado
e o apito distante de um guarda-noturno

Nesta hora
em que os corpos procuram a ausência
tão necessária
e a dor
um ponto-de-vista

Procuro
em cada canto do quarto
— olhos de treinada coruja —
o deus que me pronuncia.

Um Prédio
Heitor Ferraz

Nenhuma lembrança
- o sol batendo no prédio
na sacada alta
de alta fuligem
na pequena área
cercada de brinquedos
onde procuro meu pai,
minha mãe e meu irmão.
E tudo em volta
entramado na pedra
é silêncio e memória
fugindo pela mão.

A Velha casa
Heitor Ferraz

Havia sempre no passado
o momento de grande gargalhada.
Corríamos pela casa
como duas crianças
e sacudíamos os lençóis
com nossos corpos.
Tínhamos em comum
a admiração da lua
e um certo jeito de olhar o mundo.
E mesmo hoje no passado
em que já nos encontramos distantes
ainda corremos pela casa
desabitada.
E só.

Protegido pela Lei do Direito Autoral
LEI Nº 9.610, DE 19 DE FEVEREIRO DE 1998
Permitido o uso apenas para fins educacionais.
Este material pode ser redistribuído livremente, desde que não seja alterado, modificado e que as informações sejam mantidas.